

Coordenação e educação inclusiva: inclusão além da sala de aula

*Beatriz Cordeiro Bezerra
Jennifer Pinheiro Marinho*

2

O início

Após dois longos anos de pandemia, nos deparamos com a necessidade de realizar o estágio de Gestão e Coordenação Pedagógica no formato presencial. Ao longo do percurso que já havíamos passado na graduação, não houve componentes curriculares específicos sobre essa área de atuação do pedagogo. Por esse motivo, algumas questões passaram a nos inquietar, pois como seriam os dias na escola ao lado da coordenadora pedagógica? Quais tarefas poderíamos exercer? Quais seriam os desafios que encontraríamos na escola para desenvolver nosso projeto de estágio?

No dia três de maio demos início ao nosso estágio em um Centro Municipal de Educação Infantil, da cidade do Natal (CMEI), e para nossa alegria fomos abraçadas e acolhidas por toda a equipe escolar, desde a coordenação da escola até a equipe da cozinha, e logo pudemos perceber o afeto que as pessoas ali presentes trabalham durante o dia a dia desta instituição.

Coordenação pedagógica e suas multifunções

Durante o estágio supervisionado, acompanhamos e participamos de inúmeras atividades, e devido a isso, percebemos que a coordenadora pedagógica além de desempenhar diversas tarefas escolares, ainda atua diretamente com professoras, crianças, estagiários, famílias e com a própria gestão escolar.

Pudemos observar de perto a rotina da coordenação, conhecemos as professoras

e como são os seus respectivos trabalhos em sala de aula, ouvindo os discursos das mesmas, refletindo e compreendendo seus pontos de vista, as elaborações de projetos e atividades, como também seus desabafos e angústias. Percebemos que a figura da coordenação pedagógica perpassa diversos aspectos, desde questões mais organizacionais até de servir como um bom ouvinte e alicerce das práticas pedagógicas.

Vasconcelos (2006), afirma a importância do coordenador pedagógico para além de um cumpridor ao que preconiza a legislação, até porque, antes de tudo ele é um professor e no contexto em que o mesmo está inserido há uma apropriação do saber com garantias de acolhimento, participação e, principalmente, respeito às limitações, sem fazer parte da lógica de exclusão e discriminação entre seus pares.

Foi notável e inspirador, perceber o quanto a coordenação pedagógica tem um papel de mediação e intervenção entre diversos processos que ocorrem diariamente na escola, um deles sendo a inclusão das crianças. Vimos diversas vezes a coordenadora pedagógica em diálogos e reuniões para o melhor acompanhamento das crianças, de forma que todas, independente de suas necessidades e especificidades, estivessem bem inseridas e acolhidas nas atividades do CMEI, dentro e fora da sala de aula.

Entrelaços

A partir das reuniões de planejamento entre as professoras e a coordenadora, fomos percebendo uma necessidade mais imediata das professoras se aproximarem e lidarem com as crianças com Transtorno

do Espectro Autista (TEA), em sala de aula, visto que, o CMEI escolhido para realizar o estágio, apresenta um número considerável de crianças que são público alvo da Educação Especial e uma outra parte de crianças estão em processo de investigação. Percebemos que o CMEI tem turmas com duas crianças com TEA na mesma sala regular. Em alguns relatos das professoras ouvimos bastante sobre as dificuldades de acolher estas crianças na roda de música, na rotina e fazer com que elas se tornem parte integrante da turma.

Segundo Cardoso e Françoze (2015), quanto mais cedo se iniciar a intervenção precoce na TEA, maiores serão as possibilidades da criança se desenvolver, sendo necessário que esse apoio coloque o enfoque no desenvolvimento, no contexto, e se sustente nas práticas centradas na família. Por isso, é importante refletir que, além do espaço familiar, as crianças passam a maior parte dos seus dias na escola, sendo relevante que o espaço escolar também faça parte dessa intervenção.

Diante de mais um desafio: pensar estratégias as quais nós, enquanto pedagogas em formação, poderíamos dar conta de ajudar aquela escola de alguma forma significativa? Refletimos muito e ficamos em debate, pois precisávamos fazer algo sobre aquela situação, mas ainda não sabíamos o que e nem a forma que faríamos.

Nossa primeira ideia foi promover momentos de formação continuada com rodas de conversa em que profissionais qualificados discutissem junto das professoras e da gestão escolar maneiras práticas de ajudar aquelas crianças no cotidiano da instituição.

Após uma conversa com nossa supervisora de estágio, ficamos sabendo de um projeto desenvolvido por uma docente nossa do primeiro período de Pedagogia que estava planejando uma ação no CMEI. Sabendo disso, entramos em contato e nos reunimos com a professora que nos permitiu fazer parte do projeto para que juntas pudéssemos aprender ainda mais sobre essa temática tão relevante para nossa formação, e ainda com a ideia de deixar algo produzido por nós para a escola.

Decidimos então elaborar um material complementar para a formação continuada, que ajudasse de maneira prática o dia a dia das professoras em sala de aula. E como os laços que criamos durante o nosso percurso formativo são significativos e duradouros, solicitamos ajuda a nossa antiga docente do componente de Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva, disciplina que cursamos no quarto período do curso. Com a ajuda dos materiais enviados por ela e da formação que estávamos a participar, desenvolvemos um breve manual de adaptação das atividades na Educação Infantil, com sugestões e orientações para professores de crianças com TEA, material este que foi entregue em mãos à coordenadora pedagógica para ser entregue a cada professora da escola.

Feedback, imprevistos e despedida

A entrega do material, infelizmente, foi feita em um momento um pouco atípico: logo após o retorno do recesso escolar, enquanto várias docentes encontravam-se em afastamento médico. Nós criamos e deixamos à disposição das professoras um for-

mulário online para avaliação e comentários sobre o manual produzido.

Por motivos de força maior, tivemos pouco retorno acerca do material em questão, mas o parecer que recebemos da coordenadora em um momento de despedida foi extremamente satisfatório para a nossa reflexão geral sobre a experiência do estágio.

Apesar de alguns pequenos imprevistos e desafios, essa vivência não deixou de ser muitíssimo educativa para a nossa formação. Durante muito tempo, tendo apenas a teoria com parâmetro sobre a atuação do pedagogo, foi muito bom poder analisar criticamente e de perto esse trabalho.

Entendemos que a função do Coordenador Pedagógico é de suma importância no processo de inclusão das crianças com autismo, como também de outras deficiências, por ser uma figura que possui o elo entre os professores, as crianças e a família. Seu papel de motivador e orientador desse corpo que compõe a escola, auxilia no planejamento de metodologias que atinjam todos de forma igualitária em que a aprendizagem e o desenvolvimento sejam garantidos minimizando as dificuldades.

Referências

CARDOSO, M. F.; FRANÇOZO, M. F. C. Jovens irmãos de autistas: Expectativas, sentimentos e convívio. **Revista Saúde**, Santa Maria, v. 41, n. 2, p. 87-98, 2015.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo, 2006.